

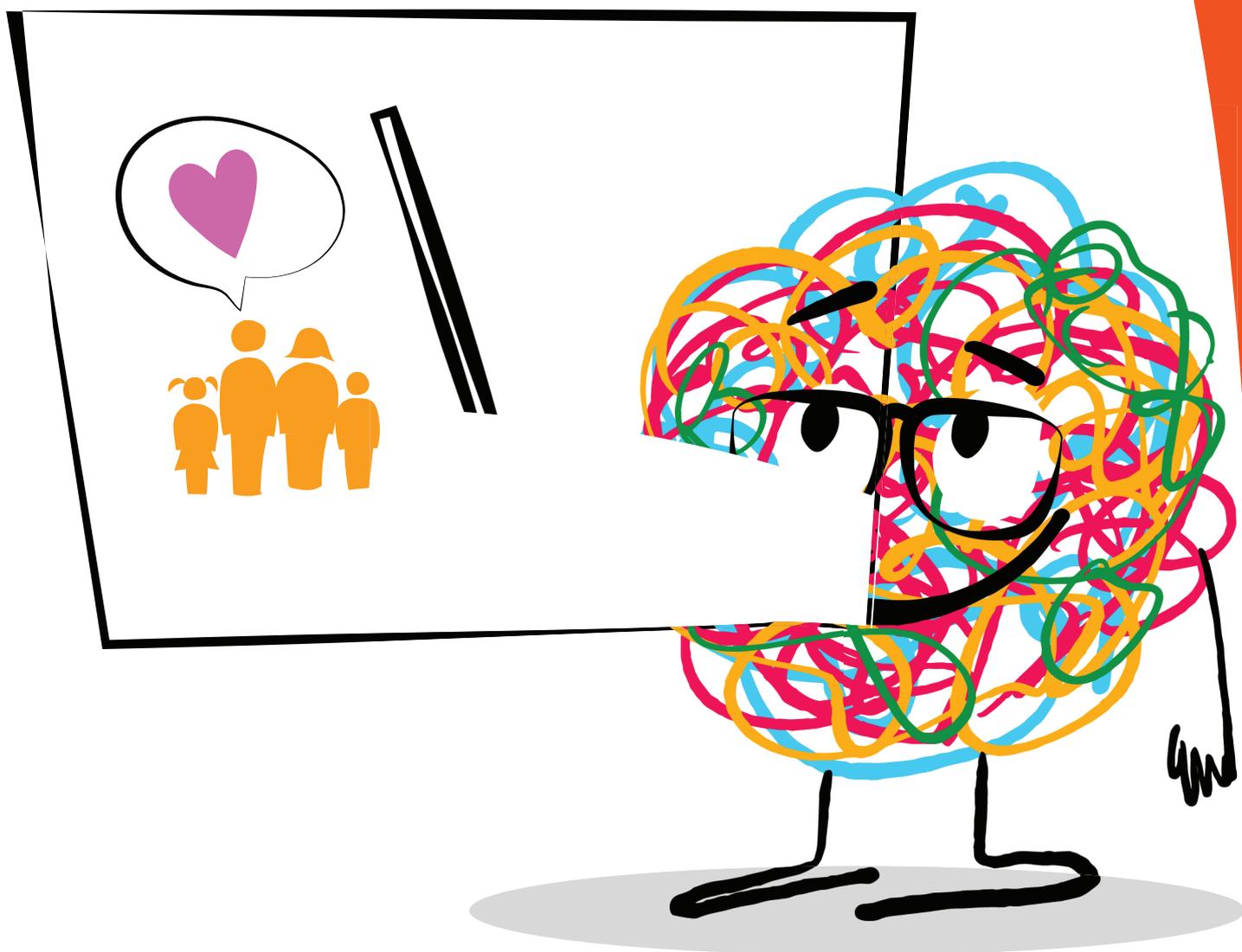
ame
sua
mente

na
escola

Escola e família:

Como a comunicação ajuda
a firmar essa parceria?

Fernanda de Moraes



A escola é um lugar privilegiado para acompanhar o desenvolvimento de crianças e adolescentes. Nas aulas, no pátio e em eventuais saídas, é possível observar o comportamento de alunos em interações com outros estudantes e com figuras de autoridade tanto em momentos de descontração como diante de desafios.

O olhar observador dos educadores pode notar não apenas o desenvolvimento das potencialidades dos estudantes como também as dificuldades que eles estão enfrentando. Assim, a partir dessa atenção, a escola torna-se um ambiente capaz de complementar a visão que a família tem do estudante.

É essencial que a percepção do educador seja compartilhada com os responsáveis em uma relação de troca, para que a escola não assuma a total responsabilidade sobre aquele aluno e para que a família possa articular-se de forma a promover o melhor cuidado e atenção com a criança ou adolescente sob sua responsabilidade.

Nesse sentido, informar a família sobre sinais indicativos de possíveis problemas relacionados à saúde mental, por exemplo, é essencial para o bem-estar do aluno. Além de trabalhar em parceria com os familiares, a escola pode ainda lançar mão de outros recursos, como realização de aconselhamento de jovens e programas de prevenção em saúde mental para os adolescentes¹.



Com a família

A conversa com a família sobre os sintomas relacionados aos transtornos mentais esbarra no estigma sobre essas doenças. Assim, ao falar com os responsáveis, é importante que a escola esteja ciente de algumas barreiras que pode encontrar, como:

o silêncio e o segredo adotados por muitas famílias diante do diagnóstico ou da possibilidade de um caso de transtorno mental na família;

a crença de que os transtornos mentais da criança ou do adolescente são fruto de supostas falhas na criação por parte dos responsáveis;

o medo da família de ser rotulada como "perturbada", por um possível diagnóstico do adolescente ou da criança pertencente a essa família.

Assim, ao abordar esse tema com as famílias, é possível observar algumas reações, como: a sensação de invasão, como se a escola estivesse ultrapassando um limite; uma atitude reativa e defensiva, já que a identificação de sintomas pode ser interpretada como uma acusação; ou ainda a negação dos sintomas identificados.



A reação familiar pode ser frustrante para os educadores e para a escola, que enxergam na parceria com a família uma forma de oferecer o melhor cuidado para os estudantes. Nesse momento, o manejo das emoções e a adoção de uma postura empática são fundamentais para firmar uma relação saudável com os responsáveis. Para isso, é importante lembrar que:

- o preconceito é resultado de uma sociedade que estigmatiza questões de saúde mental;
- tais visões não foram criadas por essas famílias;
- as pessoas, muitas vezes, reproduzem informações incorretas por falta de conhecimento;
- sentimentos como vergonha, culpa e medo podem ser difíceis para as famílias gerenciarem.

O comportamento empático em lugar de uma postura combativa permite maior aproximação do sofrimento que as famílias possam estar enfrentando e, portanto, facilita o diálogo e fortalece a relação destas com a escola.

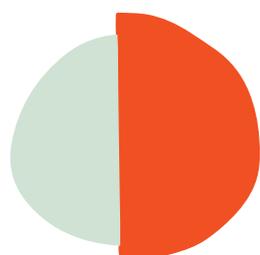
Além disso, munir-se de informações baseadas em evidências é essencial para lidar com o preconceito de familiares. Para tranquilizar os responsáveis pelo estudante, pode-se explicar que o conceito de saúde mental afasta-se da noção de algo estável e está relacionado com a habilidade de reagir às demandas emocionais cotidianas. Essa é uma forma de desmistificar a perspectiva predominante de que saúde mental consiste na ausência de transtornos mentais ou em um estado permanente de bem-estar. Ainda, a partir desse pressuposto, é possível que os responsáveis entendam mais facilmente situações como a preocupação do colégio perante a dificuldade do estudante em apresentar trabalhos diante da turma ou com o hábito de passar os intervalos sozinho, por exemplo.



É importante também reforçar com a família que a avaliação e o acompanhamento médico e psicológico, quando os primeiros sinais são identificados, podem ser diferenciais na resposta ao tratamento e na melhora do quadro. Assim, por mais que encarar a possibilidade de um diagnóstico envolva emoções desagradáveis, essa reação precisa ser imediata. Enfatizar, junto à família, a relação entre acompanhamento e tratamento é fundamental para que haja espaço para a esperança na conversa.

Por fim, podem ser apresentados alguns dados aos responsáveis, como:

1 em cada 4 pessoas apresenta algum transtorno mental.



50%

dos transtornos mentais surgem até os 14 anos.

Essa abordagem pode ajudá-los tanto a administrarem o medo como também a perceberem que eles não são os únicos a terem que lidar com um possível diagnóstico de transtorno mental na família.



Falando sobre o aluno

Enquanto a conversa sobre saúde mental esbarra no estigma social ao falar sobre o aluno, a escola pode encontrar resistência dos familiares em aceitar a visão dos educadores sobre aquela criança ou adolescente. Assim, é importante apresentar aspectos objetivos sobre o comportamento dos alunos para que, a partir desses fatos, os responsáveis entendam a importância do que está sendo apontado e compreendam a seriedade da escola frente a esse tema.

A apresentação desses dados deve considerar as emoções dos responsáveis à medida que eles tomam consciência do problema. Assim, falar com seriedade, firmeza e sensibilidade, evitando tanto um tom de voz excessivamente complacente como também julgador, é essencial para que os familiares também sintam-se acolhidos.

A conversa deve ser encarada como um momento de troca, ou seja, a escola precisa demonstrar interesse na rotina familiar de forma a transmitir e a reunir informações que possam contribuir para melhor compreensão do momento que o aluno está vivendo.

Considerando que esse contato visa fortalecer a relação dos responsáveis com a escola, educadores e gestores devem se comprometer a colaborar com o desenvolvimento do bem-estar do estudante, da mesma forma que os familiares devem ser motivados a buscar auxílio profissional para o jovem. Também cabe à instituição de ensino fazer adaptações necessárias no caso de diagnóstico profissional, como, por exemplo, permitir que o aluno faça provas em outras salas e adaptar avaliações ou trabalhos. Ainda, o acompanhamento e o olhar diferenciado para aquele aluno deve continuar enquanto o tratamento está em andamento, sendo a conversa inicial a primeira de uma relação de troca entre familiares e profissionais da educação que visam o melhor para a criança ou o adolescente.



Conclusão

Acolher, amparar e acompanhar o aluno e a família de forma responsável e ciente de suas possibilidades e limitações são atitudes essenciais para que a escola consiga cumprir o seu papel em relação ao desenvolvimento da saúde e do bem-estar do estudante.

Além disso, a preocupação com a promoção da saúde mental da comunidade escolar deve refletir na cultura cotidiana do colégio, de forma que funcionários, professores e alunos tenham a oportunidade de cuidar da própria saúde e, no caso dos adultos, ter informações essenciais para identificar os sinais e sintomas de estudantes que precisem de mais cuidado e, portanto, de encaminhamento profissional.

No link abaixo é possível localizar unidades públicas que auxiliam no tratamento relacionado à saúde mental:

Rede de Serviços

Acesse também a ficha de protocolo de encaminhamento:

Acessar



Créditos

Autora:

Fernanda de Moraes

Formada em história pela Universidade de São Paulo (USP).
É professora de educação socioemocional e de história (EF2 e EM) e autora de material didático.

Supervisão de conteúdo:

Ana Carolina C. D'Agostini

Psicóloga e pedagoga formada pela PUC-SP, especialista em Psicologia nos Cuidados da Saúde da Mulher pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e mestre em Psicologia da Educação pela Columbia University. Autora do livro didático "Se Liga na Vida" (Editora Moderna, PNLD 2021), gerente editorial no Programa Semente e formadora e coordenadora de formações do Instituto.

Gustavo Estanislau

Psiquiatra da infância e da adolescência (UFRGS). Coautor do livro "Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber", editora Artmed. Pesquisador e membro associado do Instituto Ame Sua Mente. Doutorando em psiquiatria pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Editora responsável:

Alessandra Paz

Head de Comunicação e Relações Institucionais do Instituto Ame Sua Mente.

Realização

ame
sua
mente

na
escola

Apoio



instituto



Parceiros

